

APRESENTAÇÃO

Maria de Fátima Guimarães Bueno¹

O CEOM (Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina) registra, mais uma vez, com esta publicação seu empenho em fomentar sobremaneira as reflexões e a divulgação de contribuições acadêmicas ancoradas na produção de conhecimento relativo à gestão da informação, em suas interfaces com a História e as iniciativas destinadas a garantir a identificação, organização e acesso aos diferentes acervos. Iniciativas estas encetadas por uma vasta gama de profissionais, tais como bibliotecários, arquivistas, museólogos, analistas de sistemas, conservadores, fotógrafos e historiadores. Os trabalhos publicados neste caderno ilustram a complexidade dos esforços que pressupõem a definição de pesquisas, políticas e ações voltadas à preservação da memória social, em suas mais diversificadas manifestações, formas e suportes.

A gestão da informação exige uma interlocução contínua, polissêmica e paritária entre profissionais de diferentes áreas do saber. Sob tal perspectiva, é esperado que estes profissionais empenhem-se na construção de práticas e repertórios comuns, tomando as devidas cautelas para não banalizar as especificidades dos respectivos objetos e fronteiras de suas áreas de formação. O processo de construção destas práticas e repertórios é sempre tenso e conflituoso, porque pressupõe tanto eleger o que será contemplado como digno de valorização, acesso e preservação quanto descartar o que não for julgado digno de menção e guarda, relegando ao esquecimento e, quem sabe, até mesmo ao desaparecimento amplos conjuntos documentais.

Há que se alertar para uma certa ilusão totalitária de alguns profissionais que atuam na gestão da informação. Estes poucos

¹Doutoranda em Educação na UNICAMP. Historiadora e arquivista, mestre em Ciência da Informação. Coordenadora de Gestão do Acervo do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação Brasileira (CDAPH-USF), professora dos cursos de Pedagogia e Turismo da Universidade São Francisco.

profissionais almejam tudo controlar e conhecer através de sistemas automatizados, em nome de uma eficácia e eficiência absolutas, como se fosse possível eximir-nos de um posicionamento crítico frente ao rápido avanço da tecnologia e às opções que fazemos por esta ou aquela ferramenta, em detrimento de outras. Se, por um lado, sem qualquer sombra de dúvida, a automação facilita e maximiza nossas possibilidades de gestão e recuperação da informação, por outro, ela pode iludir-nos com a promessa de uma pretensa neutralidade e objetividade, assentadas em uma racionalidade científica que estaria destinada a acolher e satisfazer todas as demandas de quaisquer usuários. Nesta perspectiva, questões como a exclusão digital, a necessária identificação e contextualização da proveniência dos acervos, a explicitação dos critérios de seleção e debastamento de coleções seriam temas que não careceriam de maiores reflexões e problematizações.

Tais questões seriam consideradas de natureza meramente técnicas e isentas de intencionalidades. Esta avaliação causa temor, porque ela exige de um posicionamento ético e político o profissional que atua na gestão da informação, como se fosse possível excluir de nossos horizontes que relações de poder entrecruzam-se também na construção da memória e do saber. Se, adotássemos esta postura tenderíamos a apagar a trajetória de lutas e resistências de diferentes grupos sociais estigmatizados. Seria como se estes grupos não tivessem lutado pelo direito de construir suas próprias memórias e saberes na diversidade de suas experiências cotidianas. Grupos estes - em grande parte afeitos às tradições populares-; cujas práticas culturais foram silenciadas pelas abordagens teóricas mais familiarizadas ao trato dos "grandes temas" relacionados aos eventos políticos oficiais, aos ciclos econômicos e às iniciativas heróicas de alguns poucos vitoriosos, a par de uma perspectiva que pasteurizava as tensões e os conflitos sociais, emudecendo o sujeito histórico singular em categorias genéricas, tais como povo, massa e classe.

A leitura deste número do Cadernos do CEOM é gratificante porque estimula-nos a refletir sobre a complexidade e relações de poder que estão imbricadas na gestão da informação quer em arquivos,

museus, bibliotecas ou centro de documentação. Este Cadernos do CEOM reúne seis artigos. O primeiro de Cleusa Graebin e Rejane Penna discute a validade, a formação e as possibilidades de utilização de fontes orais trazendo à tona o relato de experiências do Projeto Memória Lassalista que viabilizou a coleta de depoimentos que estão sob a guarda do Museu e Arquivo Histórico La Salle, no Rio Grande do Sul. O segundo artigo é de Yara Aun Cury, pesquisadora do Centro de Documentação e Informação Científica Professor Casemiro dos Reis Filho (CEDIC) da PUC-SP, que aborda a trajetória e os resultados consolidados do Projeto Guia dos Arquivos das Santas Casas de Misericórdia do Brasil, 1500-1900. O terceiro cuja autoria é dos pesquisadores Maria Cecília Marins de Oliveira e Valter André Jonathan Osvaldo Abbeg propõe reflexões e considerações sobre as condições de acesso e preservação de acervos públicos e particulares depositados em arquivos e bibliotecas de Curitiba, defendendo que os acervos de tais entidades são importantes para a pesquisa. O quarto artigo de Janice Gonçalves discute dimensões da relação entre história e arquivos, ao término do qual a autora destaca com precisão que “toda e qualquer consideração acerca do valor que os documentos de arquivo possam vir a apresentar para a pesquisa histórica será, em linhas gerais, ociosa, pois tal definição sempre dependerá dos problemas de investigação que serão colocados a esses documentos, sendo impossível inventariar toda a gama de temas que historiadores e demais pesquisadores pensariam em eleger...”. O quinto de Rogério Henrique de Araújo Júnior discute as potencialidades do uso da técnica *SWOT* na elaboração do diagnóstico estratégico. O sexto e último artigo de Darcilene Sena Rezende e André Porto Ancona Lopez trata da construção da memória e mitos locais através de práticas políticas em Maringá e cidades do Noroeste do Paraná. Ainda, os Cadernos do CEOM apresentam três comunicações. A primeira também dos pesquisadores Darcilene Sena Rezende e André Porto Ancona Lopez, segundo seus autores trata “das relações interdisciplinares entre Arquivologia e História a partir da experiência desenvolvida no projeto DIGIFOTO/CNPq, o qual procurou discutir imagens do início da chegada de imigrantes alemães”

ao Noroeste do Paraná. A segunda comunicação é de Joubert Paulo Teixeira, aluno pesquisador do projeto DIGIFOTO/CNPq, utilizando-se de conjuntos fotográficos e relatos orais discute a formação da identidade dos primeiros moradores da cidade de Santa Fé. A terceira comunicação tem por autores Fábio Ronaldo da Silva, Rodrigo Lima Nunes e Rosilene Dias Montenegro, registra resultados parciais do projeto de pesquisa Organização e Preservação da Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande, pressupondo a importância que arquivos jornalísticos possuem para a manutenção e preservação da memória de uma cidade, na condição de fontes de pesquisa e documentos históricos.

Ainda, neste número do Cadernos do CEOM instaura-se uma proposta inovadora e salutar com a criação de uma seção denominada Painel, destinada a acolher e divulgar contribuições teóricas produzidas no transcorrer de alguns eventos acadêmicos. Assim, neste número temos a satisfação de contar com uma coletânea, que segundo sua organizadora, Miriam Paula Manini, “reflete na íntegra, a Plenária *A Tradição e os Novos Desafios para a Conservação/Preservação das Informações Arquivísticas* desenvolvidas durante o I Congresso Nacional de Arquivologia”, realizado em Brasília em novembro de 2004. Participaram desta plenária nomes significativos na área – Sérgio Conde de Albite Silva, Maria Luísa Cabral, Pedro Paulo A. Funari, Solange Zuñiga e Ingrid Beck. As contribuições teóricas destes autores, por si só, dão conta das potencialidades e da envergadura desta nova seção do Cadernos do CEOM. Por fim, a sessão *Expressões e Experimentos* traz o trabalho de Julio César Farias desenvolvido a partir de algumas fotografias de Luiz Palma, fotógrafo que atuou em Chapecó na década de 1940 encerra este número.

Caro leitor, a guisa de uma conclusão, sem qualquer pretensão no sentido de ter esgotado as temáticas e reflexões abordadas pelos diferentes trabalhos que compõem esta publicação, convido-o a iniciar a leitura. Desejo que, tanto quanto à mim, esta leitura suscite em você questões e reflexões sempre pertinentes e críticas. Mas, não sem antes, deixar meus agradecimentos ao Prof. Dr. Elison Paim por tão grata experiência e votos que os Cadernos do CEOM continuem a trazer importantes contribuições no transcorrer de sua existência.